

---

ESTRATÉGIAS DE ACÇÃO: A GUERRA CLÁSSICA —  
A GUERRA LIMITADA — A GUERRA SUBVERSIVA

---

O presente artigo corresponde a uma adaptação da Conferência proferida pelo autor ao Curso de Defesa Nacional (CDN 95) no IDN, na Delegação do Porto em 22 de Outubro e em Lisboa em 17 de Novembro de 1994.

*Garcia Leandro*

---

## ESTRATÉGIAS DE ACÇÃO: A GUERRA CLÁSSICA — A GUERRA LIMITADA — A GUERRA SUBVERSIVA

---

### SUMÁRIO

#### INTRODUÇÃO

1. A GUERRA CONVENCIONAL
2. A GUERRA SUBVERSIVA
3. CONSEQUÊNCIAS ESTRATÉGICAS DO FACTOR NUCLEAR
4. O FINAL DO MILENIO E A VALIDADE DOS CONCEITOS

#### INTRODUÇÃO

O que significa «*Estratégia de Acção*» e em que contexto tal terminologia foi utilizada pela primeira vez?

Esta designação de 1966 deve-se ao General André Beaufre, um dos grandes estrategos da era nuclear, quando, na introdução ao seu livro que tem este título, põe a si próprio a interrogação: Porquê esta designação?

— «Porque o estudo da estratégia indirecta, que estava para ser a matéria deste livro, pôs em evidência que este «modo» da estratégia não era na realidade senão um caso particular de um problema mais geral, o da estratégia de acção, aspecto positivo cujo lado negativo é a estratégia da dissuasão: se se quer realizar qualquer coisa, apesar da vontade dos outros, trata-se de *acção*; se se quer impedir outrem de realizar qualquer coisa, trata-se de *dissuasão*» (1).

---

(1) BEAUFRE. Général, André, *Stratégie de l'Action*, Librairie Armand Colin, pág. 5, Paris, 1966.

Quer dizer que o conceito, na sua racionalização, surge em pleno período da guerra fria e por oposição ao grande desenvolvimento que na época teve a estratégia de dissuasão nuclear em função da importância que todo o fenómeno nuclear tinha atingido na altura. Isto, independentemente da dissuasão e acção sempre terem existido ao longo da História da conflitológia.

Por outro lado, na Estratégia de Acção o mesmo autor vai integrar a Estratégia Directa e a Indirecta.

Se fizermos agora a ligação com o título definido pelo IDN, poderemos dizer que a Estratégia de Acção inclui:

— Estratégia Directa que privilegia a acção militar e que se pode designar como a Guerra Clássica/Guerra Convencional.

— Estratégia Indirecta — que privilegia outro tipo de acções não se concentrando prioritariamente na acção militar. Esta é apenas uma componente parcelar da Estratégia Total em desenvolvimento.

Assim a Guerra Subversiva é claramente um método de acção de Estratégia Indirecta.

A Guerra Limitada em termos de pureza de conceitos é difícil de classificar, embora também seja parte da condução da Estratégia Indirecta.

Por outro lado, a Guerra Limitada é também uma forma de Guerra Convencional que no extremo oposto se apresenta como Guerra Generalizada.

Clarificados que estão estes aspectos, e antes de entrar nos detalhes que caracterizam estes três tipos de guerra, convirá tentar destringir sobre quais as suas diferenças essenciais.

Assim, no espírito de cada um e na memória colectiva, a Guerra Clássica está indissolúvelmente ligada às grandes campanhas napoleónicas do Século XIX, bem como às I e II Grandes Guerras deste século.

O que marca então a Guerra Convencional?

O esforço da unidade política é concentrado na acção militar e vai-se procurar chegar a uma decisão no terreno do combate. As

Guerras Convencionais do Século XIX e do Século XX tiveram como consequência volumosas listas de baixas.

A segunda metade do Século XX, com a importância dominante e bloqueadora do factor nuclear e o desenvolvimento da guerra revolucionária, inspirada por teorizadores como Lenine, Trotsky, Mao Tsé-Tung e Che Guevara, vai obrigar a desenvolver e a aplicar o conceito de guerra limitada, bem como o da chamada guerra subversiva.

Não se procura a resolução do conflito no combate mas utiliza-se a força militar como um meio, entre outros, que cada um dos opositores tem à sua disposição, mas a decisão será fundamentalmente política ou tomada à mesa das negociações.

Assim, o conceito (americano) de guerra limitada que será desenvolvido mais adiante aparece clarificado por Henry Kissinger quando afirma: *Numa guerra limitada o problema é infligir quantidades graduadas de destruição em objectivos limitados e permitir também intervalos para contactos políticos. Este contacto nunca deveria ser perdido; no máximo um diálogo sobreposto à acção, no mínimo a existência de um contacto que seja a janela aberta para a clarificação de objectivos e para evitar a escalada* (2).

De qualquer modo a guerra pode ser limitada para um dos opositores e generalizada para o outro; por outro lado pretende-se que seja uma guerra rápida.

O terceiro caso está ligado à subversão; é o da guerra subversiva. É de salientar que qualquer sistema político e social esteve sempre, ao longo da História, sujeito a subversão, o que é fácil de comprovar se nos ativermos ao significado de *subversão*: Acto ou efeito de subverter; acto ou efeito de destruir ou perturbar; revolta, insubordinação.

*Subverter* — *Destruir* (o que estava assente), arruinar, derrubar // perturbar completamente, transformar, desordenar. Fazer soçobrar (3).

Em termos de conflito a sua teorização é muito antiga, remonta a

---

(2) KISSINGER, Henry, *Nuclear Weapons and Foreign Policy*, págs. 186/196, W. W. Norton and Company, New York/London, 1969.

(3) MACHADO, José Pedro, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 1981.

500 anos a. C. na China, descrita por Sun Tzu que tem sido redescoberto nos últimos cinquenta anos.

É a metodologia da guerra do fraco contra o forte, preparado para lutar durante longos anos, procurando transformar toda a população em base de apoio, buscando no exterior a força que lhe falta no campo da luta. Por outro lado, e progressivamente, vai ganhando força e organização em termos militares.

Trata-se de uma luta dentro de um território, apoiada ou não do exterior, que procura substituir o sistema político em vigor pela independência ou pela alteração do regime.

Se a guerra subversiva, pelas suas características, tem milhares de anos, já a guerra revolucionária é uma concepção do Século XX que exprime a visão marxista-leninista da guerra e cujo objectivo fundamental é a implantação do Comunismo pela acção violenta.

Trata-se também de uma forma de guerra onde na grande maioria dos casos a acção decisiva não é tomada no campo de batalha.

Muitas vezes dá-se o colapso político do opositor sem ter ocorrido uma derrota militarmente significativa.

Definidas que estão estas questões básicas, poderemos agora entrar no detalhe e nos aspectos caracterizadores de cada uma com o apoio que a História e os seus estudiosos, a Estratégia e os seus pensadores nos proporcionam.

## 1. A GUERRA CONVENCIONAL

### a. EVOLUÇÃO HISTÓRICA

*Das Guerras Limitadas às Guerras Generalizadas e... Novamente às Guerras Limitadas*

Para o homem nascido no Século XX e na memória das gerações deste século a guerra é, tem sido, quase sempre uma guerra generalizada.

As grandes referências, sempre presentes, são as duas Grandes Guerras deste século, e como a memória do homem é curta tem-se a sensação que sempre assim foi.

Mas a realidade histórica não confirma esta ideia.

Durante séculos a guerra foi limitada por razões diferentes e com gradações variáveis.

Olhando para o passado é importante ter em consideração a relação entre o valor dos objectivos e os meios para os alcançar.

Existem quatro períodos na História recente nos quais a guerra limitada prevaleceu, entrecruzados por períodos de guerras generalizadas:

<i>GUERRAS GENERALIZADAS</i>	<i>GUERRAS LIMITADAS</i>
Guerra dos Trinta Anos { 1619 1648	
Paz de Westfália { Sacro-Imp/França (1648) { Sacro-Imp/Suécia	
	1648-1792 (Revolução Francesa)
Guerras Napoleónicas 1792-1815	
	Tratado de Viena — 1815 a 1914
I Grande Guerra — 1914/1918 (Armistício — 11.11.18)	
	— Paz de Versalhes — 28.6.19 Entre as duas Grandes Guerras — Invasão da Polónia — 2.9.39
II Grande Guerra — 1939/1945	
	— Pós 1945

Será deveras curioso tentar entender o porquê das guerras generalizadas e o das guerras limitadas.

As razões nem sempre foram as mesmas:

As que levaram aos conflitos violentos de base religiosa, que assolaram a Europa Central, de Leste e do Norte até 1648, correspondem a um caso em que foi nítida a «ascensão aos extremos» conceptualizada por Clausewitz. Mas, em consequência, deixaram os Estados e os Povos esgotados. Haveria

que conjurar o espectro da guerra. E assim se fez com a Paz de Westfália (1648).

As guerras que levaram à ruptura do mundo cristão, iniciadas com a defenestração de Praga (21 de Maio de 1618), foram aceleradas pela eleição de Ferdinando II como Imperador e, em consequência, com a sua deposição do trono da Boémia.

Inicialmente a Liga Católica que apoiava Ferdinando II teve vitórias que poderiam ter rapidamente terminado com as hostilidades se o espírito fosse subordinar a guerra aos objectivos, mas tal não acontecia e a tolerância era então uma palavra quase banida.

Depois da primeira vitória, em 1620, Ferdinando declara: *Será melhor reinar sobre um deserto do que num país cheio de hereges.*

Do outro lado surge um General Calvinista, o Conde Ernest von Mansfeld, um hábil mercenário, que fica conhecido pelo cognome de *Atila da Cristandade* (\*).

Estes pequenos apontamentos dão a noção de como a guerra se alargou e ascendeu aos extremos.

Houve 350 000 baixas em combate e faleceram oito milhões de pessoas não envolvidas directamente nos combates. Para se sentir a enormidade destes números basta dizer que na I Grande Guerra pereceram dez milhões de pessoas e na II cerca de trinta milhões.

É sobre está época que Bertold Brecht escreveu a sua célebre peça «Mãe Coragem», localizada na Polónia e na Alemanha.

Deste drama histórico retirámos o seguinte texto introdutório da cena n.º 9, que retrata bem o ambiente então vivido:

*Há já dezassete anos que dura a grande guerra religiosa. A Alemanha perdeu mais de metade dos seus habitantes. Epidemias terríveis matam os sobreviventes das batalhas. Nas regiões outrora florescentes grassa a fome. Os lobos erram pelas cidades reduzidas a cinzas. No Outono de 1634 encontramos Mãe Coragem na Serra de Fitchel, afastada da estrada por onde desfila o Exército Sueco. O Inverno, nesse ano, chegou cedo e foi duro. Os negócios vão mal e só resta mendigar* (5).

---

(\*) FULLER, J. F. C., *The Decisive Battles of the Western World*, Volume I, págs. 463/467, Paladin, London, 1970.

(5) BRECHT, Bertold, *Ti Coragem e os seus filhos*, Portugália Editora, pág. 112, Lisboa, 1961.

As guerras ocorridas entre 1648 e 1792 (144 anos) tiveram normalmente como base razões bem definidas que não punham em causa a existência dos Estados e não impunham aos adversários limites extremos em termos económicos ou de massas humanas.

Os conflitos desencadeavam-se com base em questões como a transferência de territórios em ordem a alterar a balança do poder, mudanças nas relações económicas e outras relacionadas com problemas de sucessão dinástica (eram negócios entre príncipes).

Estas guerras terminavam usualmente por acordos negociados, evitando assim a mobilização total do país e a luta até ao final das possibilidades de um dos contendores.

O General Fuller chamou-lhe o período das «Guerras Limitadas dos Reis Absolutos».

Foi a devastação maciça da Guerra dos Trinta Anos (como zénite das Guerras Religiosas) que marcou a divisão entre a natureza ilimitada daquelas guerras e a «mais humana prática da guerra» (ainda segundo Fuller) que se seguiu <sup>(6)</sup>.

Os Reis baseavam o seu poder em exércitos permanentes, profissionais, que estavam sempre em elevado estado de prontidão à sua chamada directa.

Estes exércitos eram na sua maioria constituídos pela escória da sociedade, sendo sujeitos à mais estrita disciplina para assegurar um conveniente comportamento e actuação.

Isto conduziu à separação entre as unidades militares e a população. A crescer, a população, a riqueza e os recursos dos países haviam sido tão arrasados durante a «Guerra dos Trinta Anos» que os exércitos eram necessariamente pequenos.

Cada país, com efeito, criou forças altamente disciplinadas, intencionalmente separadas do sector civil da sociedade e com regras rigorosas de comportamento, tanto em paz como na guerra.

Códigos militares muito rigorosos foram desenvolvidos, o que limitou as acções de vandalismo, tendo encorajado o uso da força como uma ferramenta da acção do Estado (ainda segundo Fuller).

---

(6) FULLER, J. F. C., *The Conduct of War*, págs. 15/25, London.

A guerra era curiosamente conduzida com um impacto mínimo na população civil, na economia e tendo em vista evitar a destruição completa do exército adversário.

A escolha de posições e a manobra predominavam e as batalhas decisivas foram evitadas. A estratégia de aniquilamento foi preterida em favor da estratégia de atrição.

A concepção era simples — levar o opositor à mesa das negociações através da exaustão, tendo como objectivos militares principais as bases de reabastecimento e o corte das linhas de comunicações.

Sobre esta época Fuller escreve:

*Na concepção de todas estas operações de guerra limitada a atrição era um princípio essencial.*

*Como o dinheiro raramente abundava e os exércitos permanentes, ao contrário das milícias, tinham de ser pagos ao longo de todo o ano, era óbvio para os estrategos desta época que exaurir o tesouro inimigo era um potente meio para ganhar a guerra e ainda por cima com a vantagem de as baixas próprias serem muito mais reduzidas do que se se tentasse destruir o exército adversário em combate (1).*

Maurice de Saxe, Marechal de Saxe, nascido em Dresden (1696-1750), mais tarde ao serviço da França, é citado por ter dito:

*Não sou em favor de dar batalha principalmente no princípio da guerra. Estou mesmo convencido que um general esclarecido pode fazer a guerra durante toda a sua vida sem ser compelido a dar batalha (2).*

Era a preferência da manobra sobre a batalha.

As limitações políticas, económicas e militares eram de tal ordem que tal período pôde ser chamado de «*Guerras Limitadas para Finalidades Limitadas*».

Sobre este modo de estar e de fazer a guerra Robert Osgood escreveu:

*A este respeito, reis e homens de Estado, desejosos de evitar os excessos da «Guerra dos Trinta Anos» e decididos a empregar somente*

---

(1) FULLER, J. F. C., *The Conduct of War*, págs. 25/24, London.

(2) FULLER, J. F. C., *The Decisive Battles of the Western World*, Volume II, Paladin, pág. 36, London, 1970.

*a força necessária para atingir modestos e bem definidos objectivos, mantiveram a guerra limitada.*

*Em compensação a guerra limitada servia-lhes como um meio de política adaptado e equilibrado aos seus fins (9).*

Por outro lado a incipiente tecnologia militar também ajudou o processo de limitação da guerra.

O fogo baseava-se em mosquetes de carregamento lento, de curto alcance e de pouca precisão. A artilharia nascente era pesada, imprecisa, rude, com fraco valor para destruir posições fortificadas.

Mas estas limitações tecnológicas foram também características dos séculos anteriores e não impediram a extensão das guerras com tendências para a generalização.

Terá havido qualquer outra diferença: é que as guerras dos dois séculos anteriores foram motivadas por razões emocionais e religiosas, com tendência para a «ascensão aos extremos».

Com base nestas motivações os governantes de então aproveitaram para destruir tão completamente quanto possível os seus oponentes e devastar os seus países.

Os códigos do comportamento militar desapareceram e as unidades sob controlo marginal e sem sistemas logísticos apropriados tiveram de viver da terra. Estas condições mudaram na última metade do século XVII acompanhando a solução das questões religiosas. Assim, os governantes melhoraram o controlo político e económico dos seus povos e recursos, o que, por sua vez, permitiu aumentar o controlo sobre as forças militares e facilitou o uso do poder militar para apoio dos objectivos do Estado.

No final deste período surgem-nos a Revolução Francesa e as Guerras Napoleónicas que são consideradas historicamente guerras de «Cruzada Nacional».

Foi outro tipo de motivação emocional e de fervor quase religioso que transformou novamente as características dos conflitos.

O pico do nacionalismo e o envolvimento das massas nas questões do Estado permitiu uma identificação do grupo com o devir nacional.

---

(9) OSGOOD, Robert, *The Expansion of Force*, in *The Use of Force*, pág. 34.

O orgulho nacional apoiou a conscrição, e embora a tecnologia ainda fosse limitada as guerras atingiram uma intensidade desconhecida no século anterior.

A «Nação em Armas», o ideal internacionalista na ponta das baionetas, a libertação de outros povos dos déspotas, tudo ajudou a transformar estas guerras em novas cruzadas. E a guerra, segundo Robert Osgood, «passou a ser um esforço de massas, em vez de um desporto de reis e nobres, o negócio de mercenários, e o último recurso dos socialmente rejeitados» (10).

O que marca este período de guerra generalizada ou quase ilimitada é o intenso nacionalismo e a ideologia internacionalista.

O Congresso de Viena (1815) quis criar um equilíbrio de poderes continental que evitasse situações semelhantes à aventura napoleónica. E conseguiu-o até 1914.

Diz ainda Fuller que *durante este século, embora as revoluções fossem frequentes e por vezes violentas, a Europa desfrutou da mais estável e próspera paz que conheceu desde os dias Pax Romana*. Deu-se origem ao período da *Pax Britânica* (11).

Embora a revolução industrial, os exércitos de conscrição, o crescimento dos nacionalismos fossem as sementes que poderiam levar ao reaparecimento da guerra generalizada, tal não ocorreu.

As guerras entre 1815 e 1914 (99 anos) foram guerras limitadas, excepção feita para a «Guerra de Secessão Norte-Americana» mas que se encontrava fora da evolução do contexto europeu.

Nestes quase cem anos as guerras foram caracterizadas por curta duração e reduzido número de participantes:

- Guerra da Crimeia — 1853/54, Turquia, aliada à França, Grã-Bretanha e Sardenha contra a Rússia;
- Guerra Franco-Austriaca — 1859, que termina com a vitória francesa em Solferino e o Tratado de Vila Franca;
- Guerra de Schleswig Holstein — 1864, resolvida pelo Tratado de Viena;

(10) OSGOOD, Robert, *The Limited War*, pág. 70, The University of Chicago, Chicago, 1957.

(11) FULLER, J. F. C., *The Decisive Battles of the Western World*, Volume II, Paladin, pág. 212, London, 1970.

- Guerra Prusso-Austríaca — 1866, considerada apenas uma guerra de Rectificação de Fronteiras;  
Neste caso a Prússia não pretendeu destruir a Áustria, mas apenas afirmar a ideia do nacionalismo alemão. Ainda assim a Áustria perdeu 45 000 homens <sup>(12)</sup>;
- Guerra Franco-Prussiana (1870/71), que se encerra com o Tratado de Francforte.  
Tratou-se da Aliança da Confederação do Norte e da Confederação do Sul contra a França, seu inimigo comum.  
A paz alcançada foi considerada moderada com os seguintes aspectos mais significativos:
  - Pagamento de 200 000 000 de libras pela França;
  - A França deveria considerar a Alemanha como nação mais favorecida em questões comerciais;
  - Deu-se a anexação da Alsácia e Lorena <sup>(13)</sup>.

Regressavam os exércitos profissionais acompanhados por técnicas de gestão e organização militar muito superiores às existentes anteriormente.

A revolução industrial apoiou uma nova tecnologia e os equipamentos cresceram em qualidade e quantidade.

Mas embora o enquadramento tecnológico permitisse o lançamento de novas guerras generalizadas, havia uma vontade política que o impedia já que também os objectivos das nações limitados eram.

A Prússia do Chanceler Bismarck era, na altura, a maior potência militar europeia, mas Bismarck era um seguidor do pensamento de Clausewitz: «a guerra deveria ser um instrumento da política» e não ser um fim em si própria.

E isto apesar do contexto definido pelo Imperador Guilherme I que no seu primeiro discurso do trono declarou: — O Exército Prussiano será no futuro, também, a Nação Prussiana em Armas.

O Exército Prussiano era bem equipado, bem treinado e apoiado pelo sistema de conscrição. No entanto Bismarck resistiu a qualquer tentativa

<sup>(12)</sup> FULLER, J. F. C., *The Decisive Battles of the Western World*, Volume II, Paladin, págs. 253/241, London, 1970.

<sup>(13)</sup> FULLER, J. F. C., *The Decisive Battles of the Western World*, Volume II, Paladin, págs. 243/279, London, 1970.

de utilizar tal poder fora de objectivos políticos nacionais bem definidos, como foi o caso dos Balcãs.

O exemplo mais significativo é o seu esforço na guerra Franco-Prussiana (1870) para não alterar o equilíbrio de poder, nem destruir a França completamente. Contrariamente, os seus objectivos eram tão-só punir a França e unificar a Alemanha.

Por seu lado, a França queria evitar a todo o custo a unificação alemã e não encontrou aliados (Áustria, Itália e Dinamarca mantiveram-se neutros, bem como, por maioria de razão, o Reino Unido).

A França estava já longe dos dias de glória militar dos tempos de Napoleão e teve de combater (e mal) sozinha.

A guerra não se generalizou.

Guilherme I da Prússia foi proclamado Imperador da Alemanha na Sala dos Espelhos do Palácio de Versalhes em 18 de Janeiro de 1871 <sup>(14)</sup>.

Embora com estas preocupações de alguns estadistas, o que se passa a seguir está enquadrado pelo cada vez maior desenvolvimento das possibilidades do equipamento militar, pelo contínuo crescimento dos nacionalismos e pelo choque de interesses.

A guerra Franco-Prussiana de 1870 não é a última guerra limitada deste período: foram-no também as guerras Hispano-Americana (1898); a guerra Russo-Japonesa (1904-1905); a guerra dos Boers (1899-1902) e a guerra dos Balcãs (1912/13), guerras que foram localizadas, curtas, causaram poucas roturas na sociedade e foram resolvidas por acomodação face a objectivos limitados.

A partir de 1890 os estrategos alemães recusam o primado da política (o jovem Imperador Guilherme II resolvera substituir Bismarck — a grande visão de Estado submergiu).

A guerra aparece como uma necessidade biológica ou como uma fatalidade, e não mais como um instrumento racional da política.

O Marechal Ludendorff, um dos responsáveis alemães pela conduta da I Grande Guerra, era o paladino da guerra total, defendendo que os chefes militares deveriam ter completa autoridade em todos os assuntos políticos

---

<sup>(14)</sup> FULLER, J. F. C., *The Decisive Battles of the Western World*. Volume II, Paladin, págs. 245/279, London, 1970.

(política interna/externa e de propaganda) de modo a poderem conduzir a guerra e a preservar a vida dos cidadãos.

Deste modo, o povo e toda a vida social deveriam estar estreitamente ligados à guerra.

Por outras razões, em França caminhou-se no mesmo sentido. A referência permanente é *Napoleão*, no extremo oposto a inércia das tropas francesas em 1870. Assim há que repor a ênfase na ofensiva, nas forças morais, na audácia, na iniciativa. O Marechal Foch acreditava erradamente que o poder de fogo do atacante seria superior ao do defensor.

O desastre de 1870 pesava muito na consciência francesa. O exército francês estava então dotado de uma mística mas desprovido de uma doutrina que teria feito a síntese das forças morais, do poder de fogo acrescido e das implicações da guerra de massas.

Segundo o Marechal Foch, o futuro conflito seria «guerra nacional, à base de massas humanas, guerra de marcha violenta e rápida».

Sabemos o que ocorreu após 1914 com o insucesso dos planos alemães e franceses que obrigaram os exércitos a enterrarem-se, em que o poder de fogo defensivo foi superior ao ofensivo e que impossibilitou a manobra.

Durante quatro anos, à custa de vidas humanas e de munições de artilharia, os estrategos procuraram em vão alcançar a rotura.

Deste século XX, no qual as duas Guerras Mundiais são demasiadamente conhecidas, não irei fazer de momento qualquer outra incursão, apenas lembrar que Raymond Aron lhe chama o «Século da Guerra Total».

Gostaria no entanto de reflectir sobre o esquecimento, consciente ou não, de que a guerra deveria ser um instrumento da política e não um fim em si própria, citando três autores:

— O Coronel Arthur Brown Jr. (EUA) — *O desenvolvimento da I e II Grandes Guerras demonstrou a falta de compreensão dos estrategos dos EUA pelos conceitos de Clausewitz.*

*Para eles a guerra e paz eram realidades claramente divididas e consideravam a existência da guerra como uma falha da diplomacia* (15).

— Liddell Hart — *Critica a condução da I Grande Guerra quando diz que ela foi governada pela finalidade militar — e esta foi olhada*

(15) BROWN Jr. Col. Arthur. *The Strategy of Limited War*. pág. 5. IAEM-DD 41611.

como um fim em si mesma, em vez de ser um meio ao serviço de um fim.

*Pela sua própria voz, Clausewitz foi profético sobre o receio da aplicação sem restrições da sua «teoria» pelos responsáveis da guerra em 1914/18 na Europa.*

*Porque, infelizmente, aqueles aceitaram sem qualquer restrição as frases mais chocantes com que ele tinha envolvido o seu raciocínio abstracto, enquanto que não deram importância às suas subsequentes limitações. As suas mentes só conseguiram compreender os extremos. O resultado foi que levaram a teoria até ao limite do suicídio, drenando a sua própria força para além do limite da segurança, na perseguição de um ideal de vitória completa através da batalha que nunca foi conseguida.*

*Para a parte que finalmente caiu em colapso, tal ocorreu mais pelo vazio dos estômagos, produzido pelas dificuldades económicas, do que pela perda de sangue — embora o sangue alemão vertido nas ofensivas de 1918 e a quebra de ânimo em consequência da sua real incapacidade para atingir a vitória tivessem acelerado o colapso. Se isto deu às nações opositoras a noção da vitória, os seus esforços para «vencer» tiveram um preço de tal modo elevado, na exaustão moral e física, que os aparentes vencedores ficaram incapazes de consolidar as suas posições (16).*

- E finalmente o Primeiro-Ministro Britânico Winston Churchill quando, dirigindo-se ao Parlamento, durante a II Grande Guerra, declarou:

*Perguntam-me qual é a nossa política?*

*Dir-vos-ei: é desencadear a guerra pelo mar, por terra, pelo ar, com todo o nosso poder e com toda a força que Deus nos possa dar; — é desencadear a guerra contra uma tirania monstruosa, nunca ultrapassada no negro, lamentável, catálogo do crime humano (17). É este tipo de «política» que leva à concepção de rendição incondicional da Alemanha e também à sua total destruição. Alterou-se a postura reguladora dos conflitos que vingou entre 1815 e 1914.*

(16) HART, Liddell, *Thoughts on War*, Faber and Faber, Ltd, págs. 44/45, London, 1944.

(17) BROWN Jr., Col. Arthur, *The Strategy of Limited War*, pág. 9, IAEM-DD 41611.

## b. A ESTRATÉGIA DAS OPERAÇÕES TERRESTRES — FASES HISTÓRICAS

Interessa-nos agora compreender como é que no terreno, ao longo dos tempos e complementando o apresentado anteriormente, as forças terrestres se comportaram.

Antes de qualquer batalha pode afirmar-se que há a necessidade de:

- Montar um dispositivo inicial;
- Realizar um deslocamento que envolve uma manobra de aproximação;
- Organizar o dispositivo final que prepare a batalha nas melhores condições.

Segundo o General Beaufre no seu livro *Introduction à la Stratégie* terão existido desde a Antiguidade até ao período posterior à II Grande Guerra seis fases no relacionamento entre a *Manobra* e a *Batalha*. São estas fases que irei tentar caracterizar introduzindo alguns aspectos da minha responsabilidade, terminando por lhes adicionar uma última correspondente ao momento actual (18).

## 1.ª Fase — Até Finais do Século XVIII

Face à tecnologia prevalecte os movimentos eram lentos, bem como reduzido o alcance das armas de fogo.

Foi assim uma longa fase em que *Manobra e Batalha*, embora próximas, eram distintas e, de certo modo, independentes; a batalha só ocorria em determinado local se ambos os contendores o desejassem — era a *Batalha por Consentimento Mútuo*.

Em finais do Século XVIII pode dizer-se que:

- Tinha havido a generalização da espingarda;
- Dá-se a invenção da baioneta;
- Surgem novos sistemas de Artilharia, mas o poder de fogo é ainda reduzido;

---

(18) BEAUFRE, Général, André, *Introduction a la Stratégie*, Librairie Armand Colin, págs. 50 a 62, Paris, 1963.

- A ordem de marcha era fundamental — Trata-se de uma ordem concentrada, com pequenos efectivos e com uma direcção única de manobra;
- Surgem variantes da ordem de marcha — profunda, oblíqua e mista;
- O dispositivo muito rígido prestava-se pouca a modificações durante a acção;
- Nesta fase Maurice de Saxe dá prioridade à manobra para evitar a batalha (tentava levar o inimigo a abandonar a luta sem batalha), combina o fogo e o choque, terminando por utilizar a ordem oblíqua. Segundo Maurice de Saxe haveria que evitar batalhas, já que eram muito dispendiosas.

Nesta época, pré-revolução francesa, surge em França um teorizador, o Conde Jacques de Guibert, que foi um escritor profético e que prevê o seguinte <sup>(19)</sup>:

- Torna-se necessário passar rapidamente das formações de linha para as de coluna e vice-versa;
- Há que desenvolver a arte da manobra, considerando o momento e oportunidade da concentração antes da batalha, como uma regra de ouro;
- Prevê o aumento do poder de fogo da Artilharia;
- Propõe o sistema divisionário no Exército (1788) e a criação da Divisão Mista de Infantaria e Cavalaria.

Guibert antecipou a «Nação em Armas» quando afirma que *transformando-se em querelas de povos e não mais de um Ministro e do Soberano a guerra vai mudar de natureza.*

## 2.ª Fase — Época Napoleónica

- A *Manobra e a Batalha* são distintas, mas intimamente ligadas, podendo a Manobra condicionar a *Batalha*; esta torna-se mais fácil de travar, passando a poder ser imposta.

---

<sup>(19)</sup> GUIBERT, Jacques. *Anthologie Mondiale de la Stratégie*, de Gerard Chailland, págs. 751/759, Bouquins Robert Laffont, Paris, 1990.

Do pensamento de Guibert e de Carnot, da organização militar legada pelo «*Ancien Régime*», do desenvolvimento industrial, *Napoleão* vai tirar o melhor rendimento.

- Assim o «*Ancien Régime*» vai legar à Revolução:

- O aperfeiçoamento das Armas:

- A Espingarda (de 1777);

- A Artilharia de Gribeauvai.

- O Princípio da Organização Divisionária (1788);

- Um Regulamento de Manobra (1791).

A isto vai a Revolução juntar:

- A Massa dos Cidadãos, o que permite dispor de efectivos apreciáveis com a Lei sobre a Conscição;

- O dinamismo da *Ideologia*;

- O Comando Centralizado.

- *CARNOT*, então Ministro da Guerra, não só decreta, pela primeira vez na História, a mobilização industrial, como teoriza sobre:

- O princípio da ofensiva;

- A necessidade da surpresa;

- A utilização da acção de massas para atacar o inimigo onde ele é fraco, com grande superioridade de forças a fim de conseguir uma decisão rápida <sup>(20)</sup>.

- Todo este conjunto de teorias, evolução técnica e industrial, entusiasmo das massas, vão encontrar em *Napoleão* o Estratega e Comandante necessário para o momento.

*Napoleão* consegue resolver a velha questão do Fogo, Choque e Movimento, e através do primado da Manobra vai surpreender e vencer os seus opositores. Conseguindo aplicar com êxito a dispersão

---

<sup>(20)</sup> *CARNOT*, Lazare, *Anthologie Mondiale de la Stratégie*, de Gerard Chailland, págs. 759/777, Bouquins Robert Laffont, Paris, 1990.

e a concentração divisionária, Napoleão atinge a perfeição e altera qualitativamente a Batalha da época:

- Executando a *Manobra* de forma dispersa e em várias direcções;
- Concentrando oportunamente as suas Divisões no momento de desencadear a *Batalha*.

Assim Napoleão passa a impor a *Batalha*, através de toda a *Manobra* anterior que a vai condicionar.

### 3.<sup>a</sup> Fase — A Primeira Guerra Mundial

Todo o final do Século XIX e o princípio do Século XX testemunham um grande salto técnico e industrial (motor de explosão; o caminho de ferro) que permitiu aumentar a capacidade e rapidez da manobra estratégica e o apoio logístico; contrariamente, a capacidade da manobra táctica não sofreu a mesma evolução.

Assim o poder de fogo da *Defesa* é superior à *Mobilidade do Ataque*, torna-se impossível o envolvimento e surgem as grandes frentes de *Batalha* (desde a Suíça até ao mar do Norte).

Desta forma *Manobra* e *Batalha* são indistintas no tempo e no espaço, constituindo um todo único.

Para além do já caracterizado, a I Grande Guerra surge ainda marcada por:

- Grandes efectivos;
- Pequena Mobilidade Táctica;
- Aproximação táctica dispersa, devido ao poder de fogo defensivo;
- O poder defensivo é maior que o ofensivo, dá-se a impossibilidade da rotura e a imobilidade das frentes de batalha.

### 4.<sup>a</sup> Fase — Início da Segunda Guerra Mundial — 1939/40

Face ao contínuo desenvolvimento da capacidade técnica e industrial vem já, em 1919, o General inglês John Fuller, também eminente historiador, afirmar que a próxima guerra será ganha em 99% pelos materiais.

Surgem durante o período entre as duas grandes guerras alguns pensadores, mal aceites nos seus próprios países, que prevêem:

- A grande importância do Carro de Combate que transformará a batalha numa *Guerra de Movimento* (entre outros, De Gaulle em França, Fuller em Inglaterra e Guderian na Alemanha);
- Simultaneamente surgem os teorizadores da nova dimensão da guerra — o poder aéreo (com Douhet na Itália e Mitchel nos EUA).

Guderian defendeu a criação de Divisões Blindadas, actuando conjuntamente com as outras armas, já também, motorizadas.

Era o conceito de, utilizando o binómio carro-avião, actuar com extrema rapidez, numa palavra, o *Blitzkrieg*.

Com as teorias de Mitchel e Douhet um novo elemento de carácter definitivo vai surgir; com a utilização da Força Aérea vai desaparecer a noção da frente de combate, pois tudo pode ser atacado.

Assim são estes pensadores, inicialmente mal aceites, que vão prever exactamente como vai ocorrer o período inicial do segundo conflito mundial.

- Grandes efectivos ocupando grandes frentes;
- Capacidade ofensiva maior que a defensiva, utilizando correctamente as possibilidades dos carros de combate, do avião e da melhoria das comunicações via rádio;
- O envolvimento torna-se impossível, já que as frentes são iguais aos teatros de operações;
- A mobilidade táctica surge maior que a mobilidade estratégica;
- A sequência da *Manobra* e *Batalha* surge assim fascada:
  - Manobra inicial para a rotura, procurando uma batalha inicial;
  - Manobra sobre as retaguardas, seguida de uma exploração do sucesso, levando posteriormente a uma batalha final;
  - Então, a manobra essencial (sobre as retaguardas) é condicionada pelo resultado da batalha que a precedeu.

### 5.ª Fase — Período Médio e Final da Segunda Guerra Mundial (1943/45)

Esta fase caracteriza-se por uma reacção aos elementos inovadores do período anterior.

Assim há a necessidade de aumentar a capacidade defensiva com os meios anti (carro — aéreo), a mobilidade estratégica precisa de ser maior, as manobras sobre a retaguarda deixam de ser fáceis.

Assim as grandes marcas desta fase são:

- Grandes efectivos, ocupando grandes frentes;
- A capacidade defensiva tende a igualar-se à capacidade ofensiva (meios anticarro, antiaéreos, apoio aéreo a todas as operações);
- Impossibilidade de envolvimento porque a frente de combate é igual ao teatro de operações;
- Mobilidade táctica e a mobilidade estratégica tendem a igualar-se;
- A sequência da *Manobra* e da *Batalha* surge faseada:
  - Manobra inicial para a rotura, procurando uma batalha inicial;
  - Contrariamente ao período precedente, a manobra sobre as retaguardas tende a ser detida;
  - Se a rotura é conseguida procura-se a exploração com Blindados e Mecanizados;
  - A Batalha vai condicionar a Manobra e reciprocamente...
  - Há, assim, uma sucessão de batalhas e de manobras de exploração;
  - A decisão vai ocorrer por restrição de espaço de manobra.

### 6.ª Fase — Período Nuclear — Pós-1945

- As armas nucleares e a sua aplicação estratégica e táctica vão condicionar a *Batalha*, mesmo se nunca chegaram a ser utilizadas. Da existência deste novo factor qualitativo surgem as seguintes consequências políticas, estratégicas e tácticas:

— A existência do factor nuclear faz duvidar que a guerra ainda possa ser um instrumento da política;

- Concebe-se a estratégia de dissuasão nuclear, primeiro com o conceito de represálias maciças, depois com a teoria da resposta flexível ou resposta graduada;
- A *Manobra* passa a ser função do fogo nuclear tático e perante estas questões levanta-se com grande acuidade o velho dilema da *Concentração e Dispersão* das forças;
- Para as superpotências, e para as Alianças político-militares que desenvolveram, as forças militares têm de ser baseadas em três tipos diferentes e complementares:
  - Forças Nucleares Estratégicas;
  - Forças Nucleares Táticas;
  - Forças Convencionais.

*A Grande Manobra Passa a Ser Técnica* — A guerra passa de «arte simples e toda execução», no dizer de Napoleão, para *Arte de Concepção e de Preparação*, tornando-se o custo dos equipamentos elevadíssimo.

- No terreno a situação passa a caracterizar-se nos seguintes moldes:
  - Menores efectivos;
  - Grande alcance das armas de apoio de fogos;
  - Alargamento dos teatros de operações, deixando grandes áreas desocupadas;
  - Grande mobilidade estratégica, procurando-se dispositivos iniciais concentrados;
  - Tendência para o domínio da defesa sobre o ataque;
  - A ligação da *Manobra* e da *Batalha* surge assim definida:
    - Manobra ampla e rápida (envolvimento vertical) até à batalha;
    - Manobra condicionando a Batalha;
    - Perde-se a sequência rectilínea da frente de combate;
    - Atacar com fogos de artilharia e aéreos, convencionais e nucleares, as forças dos 2.º e 3.º escalão do inimigo;
    - As forças de cada um dos contendores podem ficar isoladas do seu Comando e das Unidades vizinhas, podendo ter de combater por si só.

7.<sup>a</sup> Fase — Os Anos 90

Para caracterizar esta fase há que nos basearmos na realidade actual, tendo em conta as características dos últimos conflitos e a utilização militar das novas tecnologias.

Mas para tal é preciso subir a montante, definindo em termos políticos, estratégicos, culturais, sociais e técnicos o momento que vivemos para depois objectivar as características do campo de batalha.

Assim tratarei deste aspecto em capítulo separado, a que chamo: *As Consequências da Reconstrução da Ordem Internacional Pós-Guerra Fria*.

## 2. A GUERRA SUBVERSIVA

### a. A SUBVERSÃO É QUASE TÃO ANTIGA COMO A EXISTÊNCIA DA SOCIEDADE HUMANA

Segundo o General Cabral Couto *A subversão corresponde a uma modificação da hierarquia de valores em que, num dado momento, assenta uma sociedade política. Neste contexto, a subversão pode ser entendida como toda a acção deliberada levada a efeito por qualquer movimento ou organização, recorrendo a formas de actuação extra-legais, com o objectivo de destruir ou corroer o poder estabelecido, e, em regra, a ordem social estabelecida* (21).

Tudo isto se desenvolve dentro do contexto da «luta pelo poder», mas em que um ou mais grupos envolvidos não respeitam determinadas regras, geralmente aceites, indo desencadear a sua luta sem olhar a meios.

O que se pretende conquistar é a grande massa populacional, que se confronta entre a ligação/lealdade ao grupo no Poder (autoridade) que detém o controlo da força física (forças militares e policiais) e este novo grupo activo que pretende o Poder.

Não aceitando as regras democráticas da luta política pela conquista do Poder este novo grupo poderá optar pelo «golpe de Estado», pela «revolta militar», ou pela «guerra subversiva».

---

(21) COUTO, A. C., Coronel, *Elementos de Estratégia*, Volume II, IAEM, págs. 211 e 212, IAEM, Lisboa, 1989.

Então poderemos, citando o mesmo autor, dizer que «'guerra subversiva' é a prossecução da política de um grupo político por todos os meios, no interior de um determinado território, com a adesão e participação activa de parte da população desse território».

Estas as definições que irei utilizar; porém, o fenómeno subversivo é quase tão antigo como o mundo.

O seu primeiro grande teorizador é *SUN TZU*, que viveu na China há 2500 anos e deixou escritos os seus ensaios sob o título genérico *A Arte da Guerra*. Segundo o seu tradutor americano, o General Samuel B. Griffith, esta obra *tem tido uma profunda influência através da História chinesa e no pensamento militar japonês; é a fonte das teorias estratégicas de Mao Tsé-Tung e da doutrina táctica dos exércitos chineses. Através dos Mongóis-Tártaros as ideias de Sun Tzu foram transmitidas à Rússia e tornaram-se uma parte substancial da sua herança oriental* (22).

O verso de abertura do clássico de Sun Tzu é o guia básico da sua filosofia: — *A guerra é um assunto grave de Estado e por isso deve ser profundamente estudada* (23).

Sun Tzu é não só um dos primeiros teorizadores da guerra, como aquele que compreende, antes de qualquer outro, o significado de estratégia indirecta e a importância da sua componente psicológica sobre as populações, o Exército inimigo e o seu Comandante em Chefe.

Foi dos primeiros teorizadores a consciencializar-se de que a força armada é o último árbitro dos conflitos interestados e foi certamente o primeiro a pôr o choque físico na sua perspectiva adequada.

A sua concepção de guerra perante um pano de fundo profundamente político levava-o a não conceber como objectivo da acção militar o aniquilamento do Exército inimigo, a destruição das cidades e a inutilização das culturas. Afirmava ele: — *As armas são ferramentas nefastas para ser empregues quando já não há outra alternativa* (24).

E dentro desta lógica afirmar:

*Aqueles que forem hábeis na guerra subjagam o exército inimigo sem batalha, capturam as suas cidades sem as assaltar e conquistam os seus*

(22) SUN TZU, *A Arte da Guerra*, Editorial Futura, pág. 21, Lisboa, 1974.

(23) SUN TZU, *A Arte da Guerra*, Editorial Futura, pág. 97, Lisboa, 1974.

(24) SUN TZU, *A Arte da Guerra*, Editorial Futura, pág. 169, Lisboa, 1974.

*estados sem operações demoradas* (25), e ainda como orientação para os Comandantes:

*A tua finalidade deve ser conquistar intacto tudo o que está debaixo dos céus* (26).

Estes conceitos básicos vão levá-lo a desenvolver a sua Arte da Guerra baseada na decepção, afirmando que um General hábil deve ser mestre das artes complementares de simulação e dissimulação e também que *o Comandante hábil ataca somente quando a situação lhe assegura a vitória e a criação de tal situação é a prova da sua capacidade e a sua primeira responsabilidade* (27).

Em consequência, *Sun Tzu* vai desenvolver e detalhar um conjunto de regras que são o suporte teórico da guerra do fraco contra o forte ou daquele que quer evitar batalhas que envolvam grandes choques físicos e milhares de baixas, podendo afirmar que *A suprema arte da guerra é subjugar o inimigo sem combater* (28).

Assim, como inspirador de *Mao Tsé-Tung* vai permitir que este afirme: *A subversão parte do nada para uma existência real, vai do pouco ao muito, do nascimento à maturidade; da falta de poder político à obtenção do poder político, da inexistência de um exército à sua criação e da falta de território controlado ao seu estabelecimento* (29).

*Sun Tzu* foi pela primeira vez dado a conhecer ao mundo ocidental por um missionário Jesuíta, o Padre francês J. J. M. Amiot, em 1772; depois dessa foram feitas várias traduções japonesas, inglesas, francesas, russas e americanas.

Liddell Hart, o conhecido historiador e estrategista inglês que influenciou todo o pensamento militar ocidental desde os anos 30 e é um dos pais da estratégia indirecta, considera que «A civilização poderia ter sido poupada a muitos dos prejuízos sofridos nas guerras mundiais deste século, se a influên-

---

(25) SUN TZU, *A Arte da Guerra*, Editorial Futura, pág. 169, Lisboa, 1974.

(26) SUN TZU, *A Arte da Guerra*, Editorial Futura, pág. 170, Lisboa, 1974.

(27) SUN TZU, *A Arte da Guerra*, Editorial Futura, pág. 102, Lisboa, 1974.

(28) SUN TZU, *A Arte da Guerra*, Editorial Futura, pág. 15, Lisboa, 1974.

(29) COUTO, A. C., Coronel, *Elementos de Estratégia*, Volume II, pág. 255, IAEM, Lisboa, 1989.

cia dos monumentais volumes de *Da Guerra*, de Clausewitz, que moldou o pensamento militar da Europa, na era que precedeu a Primeira Guerra Mundial, tivesse sido temperada pelo equilíbrio da sabedoria dos textos de SUN TZU em *A Arte da Guerra*. O realismo e a moderação de Sun Tzu constituem um contraste com a tendência de Clausewitz para dar ênfase ao ideal lógico e ao «absoluto» que as suas lições vulgarizaram no desenvolvimento da teoria e da prática da «guerra total», para além de todos os limites do senso. Este conceito fatal foi criado pela frase de Clausewitz que dizia: *Introduzir na filosofia da guerra um princípio de moderação seria um absurdo — a guerra é um acto de violência levado aos limites extremos* <sup>(80)</sup>.

É de grande significado esta divergência de pensamento e a História do Século XX tem vindo a dar razão aos conceitos mais equilibrados e políticos de Sun Tzu.

Porém o grande salto interpretativo é feito pelos teorizadores de pensamento de base marxista do Século XX — como Lenine, Trosky, Mao e Che Guevara.

Pretende-se pôr estas regras de estratégia e táctica da subversão ao serviço dos objectivos de conquista global do comunismo. E neste momento é importante fazer um parêntesis para deixar definidos alguns conceitos e terminologia que não devem ser confundidos.

#### b. CONCEITOS A CLARIFICAR

A este respeito existe alguma confusão, já que diversos autores confundem o conceito de «guerra subversiva», já apresentado, com os seguintes:

- Guerra de guerrilhas;
- Guerra não convencional;
- Guerra insurreccional;
- Guerra revolucionária;
- Guerra de libertação.

---

<sup>(80)</sup> SUN TZU, *A Arte da Guerra*, Editorial Futura, pág. 12, Lisboa, 1974.

Socorrendo-me do mesmo consagrado autor, o General Abel Cabral Couto, gostaria de deixar estes conceitos devidamente caracterizados:

#### *Guerra de Guerrilhas* <sup>(31)</sup>

Conceito de carácter restrito, respeitando apenas a um determinado tipo de meios e processos utilizados na realização das operações militares.

Em regra, a guerra subversiva trava-se, no plano militar, sob a forma de guerra de guerrilhas, sendo a primeira de âmbito mais vasto que a segunda.

#### *Guerra não Convencional* <sup>(32)</sup>

Aparece em oposição ao conceito de guerra convencional ou clássica, isto é, ao da guerra travada no plano militar, por Forças Armadas organizadas, equipadas e que actuam em moldes tradicionais.

Integram-se neste contexto as operações de guerrilha, de sabotagem, de terrorismo; mas são também operações não convencionais as de guerra nuclear. Por outro lado, forças convencionais também podem executar acções não convencionais, como, por exemplo, actos de sabotagem.

O conceito de guerra não convencional é também restrito, relacionado apenas com os tipos de meios ou de processos.

#### *Guerra Insurreccional* <sup>(33)</sup>

Confunde-se com o conceito de guerra interna (civil). É um conceito mais vasto que o de guerra subversiva, já que engloba também a revolta militar e o golpe de Estado. Por outro lado, o conceito de guerra subversiva pode ser mais vasto, incluindo a guerra travada pela população contra autoridades de ocupação e sem um objectivo político específico.

---

<sup>(31)</sup> COUTO, A. C., Coronel, *Elementos de Estratégia*, Volume II, pág. 213, IAEM, Lisboa, 1989.

<sup>(32)</sup> COUTO, A. C., Coronel, *Elementos de Estratégia*, Volume II, pág. 213, IAEM, Lisboa, 1989.

<sup>(33)</sup> COUTO, A. C., Coronel, *Elementos de Estratégia*, Volume II, pág. 213, IAEM, Lisboa, 1989.

*Guerra Revolucionária* <sup>(34)</sup>

Exprime a visão marxista-leninista da guerra.

Assenta na ideia da revolução mundial originada em Marx e Engels, sistematizada e desenvolvida fundamentalmente por Lenine, Trotsky, Mao Tsé-Tung e Che Guevara, tendo por objectivo fundamental a implantação do Comunismo pela acção violenta.

Embora toda a guerra revolucionária seja subversiva, nem todas as guerras subversivas são revolucionárias.

*Guerra de Libertação* <sup>(35)</sup>

É um caso específico da «guerra subversiva» e da «guerra insurreccional». Visa normalmente a criação de uma nova ordem político-social e, certamente, a substituição das autoridades que detêm o poder.

## c. AS MÁXIMAS DE MAO E DE SUN TZU PARA A GUERRA DE GUERRILHAS

Na sua guerra de resistência contra os japoneses, a estratégia e as tácticas empregadas por Mao Tsé-Tung assentavam constantemente no movimento, baseadas em 4 máximas gravadas em Ching Kang Shan <sup>(36)</sup>:

- Quando o inimigo avança, nós retiramos!
- Quando o inimigo faz alto, nós flagelamo-lo!
- Quando o inimigo procura evitar a batalha, nós atacamos!
- Quando o inimigo retira, nós perseguimos!

Estas máximas de Mao são muito semelhantes às de Sun Tzu, conforme se pode constatar: <sup>(37)</sup>

- Toda a guerra é baseada na decepção;
- Quando capaz, finge incapacidade; quando activo, inactividade;

<sup>(34)</sup> COUTO, A. C., Coronel, *Elementos de Estratégia*, Volume II, pág. 214, IAEM, Lisboa, 1989.

<sup>(35)</sup> COUTO, A. C., Coronel, *Elementos de Estratégia*, Volume II, pág. 216, IAEM, Lisboa, 1989.

<sup>(36)</sup> SUN TZU, *A Arte da Guerra*, Editorial Futura, pág. 118, Lisboa, 1974.

<sup>(37)</sup> SUN TZU, *A Arte da Guerra*, Editorial Futura, págs. 146 a 153, Lisboa, 1974.

- Quando perto, faz parecer que estás longe; quando longe, que estás perto;
- Oferece ao inimigo uma isca para o tentar, finge desordem e ataca-o;
- Quando ele concentra, prepara-te contra ele; quando ele é forte, evita-o;
- Enfurece o seu general e confunde-o;
- Mostra inferioridade e encoraja a sua arrogância;
- Mantém-no sob tensão e desgasta-o;
- Quando estiver unido, divide-o;
- Ataca quando ele não estiver preparado; investe quando ele não te espera.

*Em termos de potencial relativo de combate Sun Tzu preconiza a seguinte arte de empregar as tropas* <sup>(88)</sup>:

- Quando a proporção for de dez, para um do inimigo, cerca-o;
- Quando cinco vezes o seu efectivo, ataca-o;
- Se dobras o seu efectivo, divide-o;
- Se igualmente numerosos, podes empenhá-lo;
- Se numericamente mais fraco, põe-te em condições de retirar;
- Se fores em todos os aspectos inferior, mesmo que o possas iludir, uma força pequena é simplesmente liquidada por uma mais potente.

*(E conclui assim: o General é o protector do Estado; se esta protecção abrange tudo, o Estado será seguramente forte; se for incompleta, o Estado será certamente fraco)* <sup>(89)</sup>.

d. Não deixa de ser impressionante a semelhança entre as grandes linhas de pensamento de Liddell Hart, autor inglês do Século XX, e as máximas de Sun Tzu, pensador que aquele evidentemente estudou.

Liddell Hart foi oficial britânico em 1914, tendo sido gaseado na frente francesa e declarado inválido. Não só se revelou um historiador militar de grande valor, como fez parte dos jovens de então que recomendaram a criação da força mecanizada. Na sua obra *Strategy* sistematizou a «aproximação indirecta» como chave das vitórias dos grandes capitães da História.

---

<sup>(88)</sup> SUN TZU, *A Arte da Guerra*, Editorial Futura, pág. 170, Lisboa, 1974.

<sup>(89)</sup> SUN TZU, *A Arte da Guerra*, Editorial Futura, pág. 112, Lisboa, 1974.

Afirma nomeadamente Liddell Hart <sup>(40)</sup>:

- *A perfeição da estratégia consistiria em chegar a uma decisão sem um combate sério;*
- *Para o estrategista a sua verdadeira finalidade não será tanto procurar a batalha como vislumbrar uma situação estratégica tão vantajosa que, se ela não produz por si só a decisão, a sua prossecução através da batalha vai certamente consegui-la.*  
Ou, de outro modo, *o objectivo da Estratégia é a desarticulação: como consequência ocorrerá a dissolução da força inimiga ou a rutura mais fácil no combate;*
- *No domínio psicológico, a desarticulação resulta da impressão criada sobre o espírito do Comandante, dos efeitos de todas as acções que contra ele foram realizadas. Esta impressão é fortemente acentuada quando ele se apercebe bruscamente que está em inferioridade e se sente incapaz de se opor ao movimento inimigo. A desarticulação psicológica resulta fundamentalmente desta impressão de ter sido apanhado numa armadilha;*
- *Estudando os aspectos materiais, não devemos jamais perder de vista o aspecto psicológico, pois é somente quando os dois estão combinados que a estratégia será a «aproximação indirecta», calculada para romper o equilíbrio adversário.*

Tratam-se de concepções muito próximas de dois autores afastados no tempo (2500 anos), no espaço geográfico e na matriz cultural, mas que convergiram ao estudar o fenómeno da guerra e da estratégia.

e. Tudo quanto ao longo dos séculos foi escrito sobre a guerra subversiva e a guerra de guerrilhas (a «pequena guerra») se mantém actual neste final do século.

E verifica-se como tem sido possível a países como o Vietname do Norte fazerem face aos EUA e aos guerrilheiros do Afeganistão fazerem frente à ex-União Soviética, não esquecendo as situações vividas em certos países de África, do Médio Oriente e da América Latina.

---

<sup>(40)</sup> HART, Basil Liddell, *Anthologie Mondiale de la Stratégie*, de Gerard Chailland, págs. 1173/1176, Bouquins Robert Laffont, Paris, 1990.

De todas as Estratégias de Acção esta é não só a mais antiga como também a mais durável, pois não se desactualiza com a evolução da técnica mas antes vai absorvendo as novas tecnologias e equipamentos nos tradicionais conceitos e regras comprovados ao longo dos séculos. Parece-me tratar-se de uma conclusão a reter.

### 3. CONSEQUÊNCIAS ESTRATÉGICAS DO FACTOR NUCLEAR

a. A guerra generalizada ou limitada (por razões diversas) enquadra-se sempre nas conceptualizações de *Clausewitz* quando teoriza «a ascensão aos extremos», quando diz que é um «grande conflito de interesses cujo pagamento é em espécie (em sangue)», ou quando diz que deve ser «um instrumento da política».

Existia assim uma lógica de poder e de acção que apresentava uma sequência linear:

- Política (que definia os fins).
- Guerra (como meio da Política por vezes necessário quando tudo o resto falhava).
- Estratégia (meio de atingir as finalidades da guerra — a condução superior da violência organizada em acção).

Havia ainda até 1945 uma diferença entre *Paz e Guerra*.

b. Toda esta concepção clássica sofre uma dramática alteração qualitativa com o aparecimento e desenvolvimento do factor nuclear (1945).

Há quem pense que a violência levada aos extremos, teorizada por *Clausewitz*, deixa de poder ser aplicada — se assim não fosse a arma nuclear levaria a uma destruição mútua, o que está fora dos objectivos da política e do mais elementar bom senso.

O pensamento estratégico teve de se confrontar com esta nova realidade.

Se o holocausto nuclear era irracional e contra o interesse das próprias superpotências, mas se a luta entre ambas continuava pelo controlo de

áreas geográficas, riquezas e espíritos, pelo poder mundial, como se havia então de contornar esta situação?

c. O factor nuclear veio alterar, como nunca, a natureza das guerras e o comportamento dos responsáveis políticos e dos estrategos.

As experiências de *Hiroshima* e de *Nagasaki*, se haviam permitido terminar rapidamente a II Grande Guerra no Pacífico, deixavam pairar uma ameaça que era global e que a todos poderia vir a atingir.

Quando, nos princípios da década de 50, se passa do monopólio nuclear americano para um bipolarismo nuclear, em que a doutrina de emprego de tais armas seria a da «retaliação maciça», tem-se rapidamente consciência de que este tipo de resposta era demasiado forte para situações de violência inferior.

Cria-se a inibição quanto ao uso de tal armamento com uma capacidade de destruição e de concentração de efeitos como nunca antes havia sido possível.

Da inibição, da «retaliação maciça», passa-se à «resposta flexível», mas tem-se ainda assim a consciência da desproporção de tal poder e ambas as superpotências dão a entender que não farão o seu emprego em primeiro lugar, a menos que sejam atacadas.

Se o General MacArthur, quando da Guerra da Coreia e em choque com a Administração Truman, declara que na «guerra não há substituto para a vitória», já o Presidente Eisenhower, O Comandante Supremo da vitória aliada na Europa, ponderava, na década de 50: «O conceito de Clausewitz já não é aplicável (a ascensão aos extremos; a guerra é a continuação da política por outros meios). Desde que no mundo moderno haja a menor hipótese de retaliação não há outra solução que não a paz» (41).

Parecia evidente: — a ascensão aos extremos não poderia levar a uma destruição mútua e nenhum político poderia utilizar conscientemente tal tipo de poder destruidor para se confrontar com a maior parte das ameaças possíveis.

Pensa-se então que *Clausewitz* seria metido na gaveta.

---

(41) KISSINGER, Henry, *Nuclear Weapons and Foreign Policy*, pág. 1, W. W. Norton And Company, New York — London, 1969.

d. 1) Então, que consequências estratégicas trouxe consigo o factor nuclear e o desenvolvimento tecnológico?

- Surgiu a primeira arma de destruição maciça e a associação desta arma ao vector balístico, cujo progresso havia sido possibilitado pelo impressionante desenvolvimento da electroinformática.

Tudo teve de ser repensado e ao lado iam surgindo as chamadas guerras de libertação nacional.

Se a guerra nuclear central entre superpotências era inaceitável, haveria que conceber uma estratégia que utilizasse tal armamento apenas para a defesa da sobrevivência do ser nacional (da potência nuclear) — só em tal caso ela seria empregue.

Surgem então as «estratégias de dissuasão» — recíprocas, cuja finalidade era instaurar e manter um «estado de não guerra directa» entre as potências nucleares.

Mas ainda não havia chegado o momento de *Clausewitz* ser metido na gaveta. Ocorre então um fenómeno único de inversão; a estratégia secularmente subordinada à guerra passou para o patamar superior.

Lenine é também vencedor já que se aceita ser *Paz* a continuação da luta por outros meios e a Estratégia total a nível nacional passa a ser da responsabilidade do Poder Político.

A Estratégia (total, de cada país) passa quase a ser igualada à Política, passando a haver a Estratégia da guerra (emprego real das forças) e a Estratégia da não guerra (que concebia o emprego virtual das forças).

Mas esta inversão levou a outra consequência, com o desenvolvimento de duas faces da Estratégia:

- Estratégia Operacional — a do emprego dos meios;
- Estratégia dos Meios — a da concepção e produção de armamentos.

Como se tornou impossível fazer o emprego de tais meios, então o duelo desenvolveu-se em permanência no imaginário, nas representações mentais das capacidades de acção e de reacção das forças respectivas (a luta mantinha-se pela superioridade material, mas o emprego dos meios não se fazia).

Também *Clausewitz* ainda não havia sido metido na gaveta; «a ascensão aos extremos» transferiu-se para o campo da superioridade qualitativa e quantitativa dos armamentos — foi a chamada corrida aos armamentos.

2) Para as superpotências havia então que evitar:

- O Holocausto Nuclear;
- O choque convencional directo, pelo perigo de escalada, mas tal não evitou que os conflitos continuassem, mas com outra condução.

Para as Superpotências o espaço geoestratégico passou a dividir-se em duas partes:

- O Espaço Fechado da Estratégia de não guerra directa;
- O Espaço Aberto ao litígio (o resto do mundo).

No primeiro — encontravam-se os santuários onde se defendiam os interesses vitais e as posições aliadas em regiões muito sensíveis pelo valor que representavam.

Este espaço surgia então defendido:

- pela dissuasão nuclear;
- pela dissuasão convencional.

O segundo — o resto do mundo — o espaço aberto ao litígio:

- Não estava coberto pela dissuasão nuclear;
- Permitia o choque de interesses entre outras potências, com conflitos armados;
- O emprego das forças convencionais das superpotências aparecia como no passado para reorganizar o sistema regional interestados.
- As intervenções regionais das superpotências surgiam, no mínimo, para impossibilitar a outra de tirar vantagens da crise regional.

Neste espaço aberto ao litígio — as superpotências poderiam:

- Não se sentirem ameaçadas ou prejudicadas;
- Obrigarem-se a intervir para não serem prejudicadas;
- Entenderem-se para evitar uma escalada que não lhes interessava.

Surge assim o moderno conceito de «gestão de crises» como um valor maior da teoria estratégica contemporânea, em que tudo se irá passar no campo da estratégia indirecta pretendendo utilizá-la em seu proveito — os aspectos económicos, culturais, técnicos, sociais, de informação pública — aparecem a dominar uma estratégia de acção que utiliza a acção armada como complemento das outras acções.

Embora a estratégia indirecta seja muito antiga (já analisámos *Sun Tzu*) esteve na primeira metade deste século oculta pelas estratégias directas das guerras generalizadas procurando a decisão em batalhas de aniquilamento ou de destruição.

O Bloqueamento Nuclear veio rejuvenescer este conceito; estando as superpotências paralisadas pelo confronto nuclear, foi através das múltiplas acções e formas de estratégia indirecta que recuperaram a sua liberdade de acção para o duelo que continuava permanente.

Entrou-se então no período que o General Beaufre chama o *Estado Híbrido de Paz-Guerra*.

3) Para as outras potências manteve-se a guerra convencional como um meio da sua política, mas:

- estando limitadas na sua utilização pelo poder das superpotências desejosas de conservar o controlo dos conflitos regionais e da gestão das crises;
- podendo também usar de estratégias indirectas;
- por outro lado a teia das interdependências criou fronteiras de vulnerabilidade que as impediu muitas vezes de desencadear operações de guerra convencional.

e. Nos EUA começa a desenvolver-se então a concepção da «guerra limitada», encarada não de um modo ideológico mas com o pragmatismo do pensamento estratégico.

Um dos seus conceptualizadores é o antigo Secretário de Estado Henry Kissinger que, já em 1957, vem a terreiro para afirmar que «o verdadeiro

problema de segurança é nas áreas principais a instabilidade política e um nível de vida considerado opressivamente baixo pela maioria da população», e também que o «povo americano deve compenetrar-se que com o fim do nosso monopólio atómico a guerra total deixou de ser um instrumento da política, excepto como uma última saída, e que para a maioria das situações em disputa a nossa única opção reside entre uma estratégia de guerra limitada ou a inércia (42).

Dentro deste realismo avança Kissinger no seu raciocínio com os seguintes passos:

*Numa guerra limitada o problema é infligir quantidades graduadas de destruição em objectivos limitados e permitir também intervalos para contactos políticos.*

Este contacto nunca deveria ser perdido; no máximo um diálogo sobreposto à acção, no mínimo a existência de um contacto que fosse a janela aberta para a clarificação de objectivos e para o evitar da escalada.

Desenvolve depois Kissinger o seu pensamento em três áreas (43):

*Motivos — Condições — Forças* para uma política e uma estratégia de guerra limitada.

#### *Motivos*

- A guerra limitada representa a única forma de evitar, como um custo aceitável, que o Bloco Soviético ocupe áreas periféricas da Eurásia.
- Um vasto leque de forças militares pode ditar a diferença entre a derrota e a vitória, mesmo numa guerra total.
- Aplicações intermédias do poder dos EUA oferecem a melhor oportunidade de efectuar mudanças estratégicas que (nos) sejam favoráveis.

#### *Condições*

Uma estratégia de guerra limitada pressupõe como condições:

- *Flexibilidade da Política Militar* — ou seja, capacidade de exercer pressões que não sejam a ameaça de guerra total;

(42) KISSINGER, Henry, *Nuclear Weapons and Foreign Policy*, págs. 114/125, W. W. Norton And Company, New York — London, 1969.

(43) KISSINGER, Henry, *Nuclear Weapons and Foreign Policy*, págs. 125/144, W. W. Norton And Company, New York — London, 1969.

- *Subtileza da Diplomacia* — ou seja, a capacidade de criar um clima em que a sobrevivência não seja posta em causa;
- *Coragem da Classe Dirigente* — ou seja, a capacidade de manter o controlo da opinião pública caso se chegue a um desacordo quanto ao perigo que corre a sobrevivência nacional.

### Forças

A guerra limitada, tal como a guerra total, terá de ser levada a cabo por forças especializadas; requer forças altamente operacionais, apoiadas em equipamentos modernos e doutrina actualizada, e em estado de elevada prontidão e treino.

f. Hoje a guerra limitada encontra-se na Doutrina Militar dos EUA e foi concebida de acordo com os interesses americanos, mas está divulgada internacionalmente.

A designação foi pela primeira vez usada em 1951 pelo Secretário da Defesa, General George Marshal, quando afirmou perante o Congresso que a Guerra da Coreia era uma guerra limitada.

Robert Osgood, o seu mais permanente e insistente doutrinador, definiu assim este tipo de guerra em 1976:

*Uma guerra limitada é normalmente tida como uma guerra travada com uma finalidade nitidamente mais restrita do que a de procurar a subordinação de um Estado a outro e envolvendo uma parte reduzida dos recursos totais a nível militar por parte dos beligerantes, deixando em grande parte intactas tanto a vida civil como as Forças Armadas dos beligerantes e conduzindo a um termo negociado* <sup>(44)</sup>.

Quando Ken Both e P. Williams criticam a direcção da guerra do General MacArthur na Coreia declaram: — *Guerra limitada é um processo político conduzido por meios militares, uma espécie de negócio duro no qual o objectivo não é ganhar, mas sim não perder e lutar de tal forma que o inimigo terá que firmar um compromisso de paz* <sup>(45)</sup>.

---

<sup>(44)</sup> OSGOOD, Robert, *Limited War*, págs. 2/27, The University of Chicago, 1957.

<sup>(45)</sup> BOOTH, Ken e WILLIAMS, P., *Guerra Limitada, de Estratégia Contemporânea* (Cap. IV), pág. 6, IAEM-TR-70-70 03.

Hoje as guerras limitadas surgem na doutrina americana nas seguintes acepções <sup>(46)</sup>:

- Guerras limitadas a uma determinada área geográfica:
  - serão limitadas se envolverem as Superpotências;
  - e apenas locais as que não as envolvem.
- Objectivos políticos limitados;
- Meios militares limitados;
- Alvos militares limitados.

A estas acepções penso que, face ao ocorrido nos últimos anos, se podem acrescentar outros limites:

- Limitadas no tempo;
- No número de baixas;
- No maior controlo do poder político.

#### g. CONSTABULARY FORCES <sup>(47)</sup>.

Uma evolução neste tipo de conceito é o relacionado com a ideia de «*Constabulary Forces*» defendido pela primeira vez por Morris Janowitz. Segundo ele «O uso da força nas relações internacionais alterou-se de tal modo que parece apropriado falar em 'Constabulary Forces' (forças de prevenção), em vez de em forças militares. Este conceito permite a continuação das tradições e experiências militares passadas, mas também oferece uma base para a radical adaptação da profissão. O sistema militar torna-se assim em força de presença/vigilância/prevenção/dissuasão quando está continuamente preparado para agir, determinado a fazer o uso mínimo da força e procura relações internacionais viáveis mais do que a vitória, porque incorporou uma postura militar preventiva».

Assim, «as forças militares terão de actuar como suporte da política nas relações internacionais, em acções em que a força militar por si própria

<sup>(46)</sup> BOOTH, Ken e WILLIAMS, P., *Guerra Limitada*, de *Estratégia Contemporânea* (Cap. IV), pág. 6, IAEM-TR-70-70-03.

<sup>(47)</sup> JANOWITZ, Morris, *The Professional Soldier*, A Free Press Paperback, New York, 1971. pág. 134.

não resolve o conflito; ela é apenas um meio para se atingir um objectivo de paz ou de compromisso».

Esta é uma evolução relativamente ao conceito da guerra limitada; evitar a guerra em vez de a combater.

#### h. NOVOS CONCEITOS PARA NOVOS CONFLITOS

Nesta evolução do pensamento têm surgido novos conceitos:

- *O Conflito de Baixa Intensidade* <sup>(46)</sup>

Não se pode confundir o CBI com a guerra limitada; são concepções diferentes, ambas originadas no pensamento político-estratégico norte-americano, embora a guerra limitada se possa aplicar a outros países. O conflito de baixa intensidade corresponde tão-só a uma doutrina para o emprego de forças americanas em apoio de governos amigos num conflito de mais baixa intensidade que o da guerra, guerra que envolve sempre duas ou mais nações.

Será interessante, como base doutrinária, conhecer qual a verdadeira aceção destes conceitos na terminologia dos EUA que, por razões óbvias, têm tendência a alargar-se ao mundo ocidental. São situações de conflito acima da competição pacífica e abaixo da guerra, com as seguintes categorias operacionais:

- Terrorismo;
- Rebelião/Contra-Rebelião;
- Manutenção de Paz.

- *Conflito de Baixa Intensidade — Tipo A*

Operações de apoio ao desenvolvimento e defesa interna *envolvendo acções por forças de combate dos EUA* a forças locais ou aliadas envolvidas em estabelecer, reconquistar ou manter o controlo, sobre determinadas áreas territoriais ameaçadas pela guerrilha, revolução, subversão ou outras tácticas com a finalidade de conquistar o poder.

---

<sup>(46)</sup> FM 100-20 — *Low Intensity Conflict* — US Army.

- *Conflito de Baixa Intensidade — Tipo B*

Operações de apoio ao desenvolvimento e defesa interna *envolvendo conselheiros, apoio de combate e apoio de serviços dos EUA* a forças locais ou aliadas envolvidas em estabelecer, reconquistar ou manter o controlo sobre determinadas áreas territoriais ameaçadas pela guerrilha, revolução, subversão ou outras tácticas, tendo como finalidade a conquista do poder.

- *Conflito de Média Intensidade*

*Guerra* entre duas ou mais nações e respectivos aliados, se existirem, na qual os beligerantes empregam a mais moderna tecnologia e todos os recursos em informações, mobilidade, poder de fogo (excluindo armas NBQ), comando, controlo e comunicações; e apoio de serviços *para objectivos limitados de acordo com uma política de limitações definida, como a amplitude do poder destrutivo que pode ser empregue ou a extensão da área geográfica que pode ser envolvida.*

- *Conflito de Alta Intensidade*

*Guerra* entre duas ou mais nações e respectivos aliados, se existirem, na qual os beligerantes empregam a mais moderna tecnologia e todos os recursos em informações, mobilidade, poder de fogo (*incluindo armas NBQ*), comando, controlo, comunicações e apoio de serviços.

- É de sublinhar que as definições de «*conflito de alta intensidade*» e «*conflito de média intensidade*» são *limitadas no seu uso à guerra entre Nações.*

O conflito de média intensidade é, pela sua definição, o que se aproxima mais do Conceito de Guerra Limitada.

Assim, dentro da definição atrás apresentada e no caso português, o CBI só se aplicaria a um tipo de situação em que, por exemplo, o apoio português fosse solicitado por algum dos PALOP.

O conceito de CBI não se aplica a qualquer conflito dentro do próprio país.

Por outro lado, e também para evitar más interpretações, cita-se o conceito de *Ameaças Menores*, este de origem nacional:

*As acções adversas que afectem a independência nacional, a integridade do território, a segurança e liberdade das populações, os seus bens e recursos, mas não atingem a expressão de uma invasão militar do território nacional.*

#### 4. O FINAL DO MILÉNIO E A VALIDADE DOS CONCEITOS

a. Interessa na fase final desta apresentação reflectir sobre a validade dos conceitos apresentados quando nos aproximamos do final do século e do milénio e em que somos simultaneamente afogados num mar de avanço tecnológico e de diferenças abissais de níveis de vida entre regiões do globo e onde é trágica a questão Norte-Sul.

Para reflectirmos sobre a validade destes conceitos e imaginar os conflitos do futuro torna-se necessário ter alguns pontos de apoio, nomeadamente:

1) Nada do que foi inventado e experimentado será esquecido; quer dizer que mesmo a ameaça nuclear pode reemergir, e agora com mais imprevisibilidade face à proliferação de potências nucleares e à possibilidade de grupos privados disporem de armamento nuclear, o que é perfeitamente possível na fase caótica que se tem seguido ao desmembramento da União Soviética.

2) Tentar caracterizar como é o mundo pós-Guerra Fria, ou após a Terceira Guerra Mundial, como lhe chamou Richard Nixon, e daí caminhar ao encontro da sétima fase da batalha terrestre (agora aeroterrestre).

Trata-se de uma reflexão pessoal com todas as falhas e limitações que possa ter, mas que vos irei transmitir.

#### b. AS CONSEQUÊNCIAS DA RECONSTRUÇÃO DA ORDEM INTERNACIONAL PÓS-GUERRA FRIA

1) No meu ponto de vista, e adoptando o critério de Richard Nixon, o período da chamada «Guerra Fria» foi a verdadeira Terceira Guerra Mundial,

vencida pela estratégia indirecta que levou ao desaparecimento da União Soviética, já que o seu modelo político-económico não se mostrou capaz de resolver os problemas internos e os desafios externos (inadequado funcionamento da economia, incapacidade tecnológica, limitações financeiras e excesso de Estados-Clientes). Nixon chamou-lhe a Terceira Guerra Mundial porque, com a divisão do mundo em Yalta, Estalín afirmara: *quem ocupar um território impõe-lhe também o seu próprio sistema social. Cada um impõe o seu sistema até ao alcance dos seus exércitos. Não pode ser de outra maneira* <sup>(49)</sup>.

E Nixon afirmava *que é a primeira guerra verdadeiramente global; mas também é a primeira guerra verdadeiramente total: porque é empreendida a todos os níveis da vida e da sociedade* <sup>(50)</sup>.

E ela desencadeou-se desde 1945 até Agosto de 1991. Isto quer dizer que, tal como nos outros quatro momentos essenciais da História Moderna, a Ordem Internacional tem de ser refeita. Foi o que ocorreu com o Tratado de Westfália (1648) que pôs fim à Guerra dos Trinta Anos, com o Congresso de Viena (1815) que reorganizou a Europa após a aventura napoleónica, com o Tratado de Versalhes (1919) que pôs um termo formal ao primeiro conflito mundial deste século e com a Reunião de Yalta (1943) que veio a redesenhar o mundo para o final previsível da II Grande Guerra (1945).

O que a Terceira Guerra Mundial trouxe de novo é que o conflito se resolveu pela falta de capacidade competitiva de um dos jogadores e não chegou a haver o grande choque durante tantos anos temido; mas as consequências em termos de reorganização da ordem internacional são exactamente as mesmas.

Este um ponto firme da equação. Mas, para chegarmos até ao como vai ser, há que reconhecer que o mundo deste final de século é completamente diferente do das situações históricas que anteriormente citei.

2) E o segundo passo é tentar caracterizar o cenário em que nos encontramos e que será o ponto de partida enquadrante de nova ordem internacional que tão desesperadamente se procura. Mas para o fazer há que reconhecer que estamos agora atravessando um período de transição do qual ainda demoraremos a sair e quanto mais longo for mais perigoso se torna.

---

<sup>(49)</sup> NIXON, Richard, *A Verdadeira Guerra*, Portugália Editora, pág. 21, Lisboa, 1980.

<sup>(50)</sup> NIXON, Richard, *A Verdadeira Guerra*, Portugália Editora, pág. 21, Lisboa, 1980.

Considero que para a construção da Nova Ordem Internacional existem determinados aspectos a considerar e que arrumei do seguinte modo:

- *Tal como ocorreu nas situações anteriores com os grandes actores europeus, as duas superpotências saem desta guerra:*
  - *A URSS desagregada por implosão;*
  - *Os EUA muito abalados e com grandes problemas económicos e sociais, embora se mantenham como a única «superpotência» actual;*
  - *Foi derrotada a concepção marxista da sociedade, «parecendo» que hoje só existe a ideologia do mercado.*

#### HERANÇA DA HUMANIDADE

Há hoje grandes questões que podem ser já consideradas herança da humanidade como um todo:

- *Descrédito nas grandes ideologias políticas tradicionais que dominaram os séculos XIX e XX;*
- *Reconhecimento dos direitos humanos;*
- *Direito a autodeterminação/autogoverno;*
- *Direito das minorias;*
- *Sentido de destino global, no qual a interdependência é cada vez mais forte;*
- *O mundo já é quase uma aldeia, mas herda-se um sistema heterogéneo e com grandes disparidades de bem-estar e de justiça.*

#### CONSENSOS

Embora envolvidos entre procedimentos e posturas muitas vezes contraditórios há já consensos sobre determinadas questões essenciais:

- 1 — *Consciência de que os recursos do globo são finitos e que a sua gestão a todos diz respeito.*

2 — *As grandes ameaças são, actualmente e para o futuro:*

- *Os desastres ecológicos;*
- *A bomba demográfica;*
- *A droga;*
- *As grandes migrações;*
- *A exploração menos correcta dos recursos, envolvendo grandes desperdícios;*
- *O subdesenvolvimento:*
  - *Económico;*
  - *Cultural.*
- *Os extremismos do desespero:*
  - *Político;*
  - *Religioso;*
  - *Nacional;*
  - *Étnico;*
  - *Social;*
  - *Económico.*

— *Um elemento perturbador (estado ou organização não estatal).*

3 — *A importância dos meios de comunicação social na vida moderna como vector:*

- *De democratização dos conhecimentos;*
- *De educação;*
- *De informação;*
- *De manipulação e de poder.*

4 — *A crença de que a tecnologia não tem limites na sua expansão:*

- *A revolução dos computadores;*
- *A revolução da comunicação;*
- *A revolução aeroespacial;*
- *A revolução genética;*
- *A revolução dos materiais compósitos.*

TENDÊNCIAS

Ocorrem também comportamentos e tomadas de consciência que nos permitem detectar algumas tendências nas relações internas e internacionais das unidades político-sociais:

- 1 — *Democratização dos regimes.*
- 2 — *Criação de grandes espaços regionais político-económicos — segurança;*
- 3 — *Crescente importância dos organismos internacionais.*
- 4 — *Crescente importância dos poderes transnacionais.*
- 5 — *Ressurgimento do factor religioso (principalmente onde os credos estiveram proibidos; nos países mais materialistas; nos países economicamente mais atrasados).*
- 6 — *Utilização das religiões como arma política.*
- 7 — *Tendências para a internacionalização dos problemas.*
- 8 — *Tendência para a privatização das empresas, reservando para os estados algumas actividades escolhidas caso a caso, pelo seu carácter social ou estratégico.*
- 9 — *Tendência para resolver os conflitos pela via negocial.*
- 10 — *Crescente importância da opinião pública a nível nacional e internacional.*
- 11 — *Tendência para um mundo de poder multipolar, que substitua o poder bipolar nascido em 1945 e o aparentemente unipolar que transitoriamente atravessamos.*
- 12 — *Maiores possibilidades de manobra e intervenção para as médias e pequenas potências.*
- 13 — *Período ideal para a actuação oportunista, perturbadora, de alguns estados ou poderes transnacionais.*
- 14 — *Tendência para rever e reformular as alianças, com variáveis em todos os azimutes.*
- 15 — *Necessidade de forças nacionais ou multinacionais que permitam realizar:*
  - *Operações de manutenção de paz;*
  - *Operações de imposição da paz;*
  - *Operações humanitárias em apoio das populações.*

- 16 — *Embora as armas nucleares, biológicas e químicas continuem em stock, a ameaça do seu uso pode diminuir; outro tipo de armas convencionais de elevada tecnologia permitirá a dissuasão.*
- 17 — *Tendência para utilizar nas fronteiras de soberania os exércitos de contingente e nas fronteiras da segurança e dos interesses os exércitos profissionais.*

#### SITUAÇÕES DE CONFLITO

Dentro da linha de raciocínio seguida parece que as situações de conflito que poderão emergir serão baseadas nos seguintes factores:

- 1 — *Continuará a luta pelo poder e por vezes tentativas de hegemonia, não usando já como vector a ideologia mas a:*
  - *Influência cultural;*
  - *Meios financeiros;*
  - *Meios económicos (a conquista dos mercados);*
  - *Tecnologia;*
  - *Meios de comunicação social, numa clara política de poder.*
- 2 — *O poder estará na tecnologia e na informação.*
- 3 — *O Hemisfério Sul e as regiões saídas do mundo marxista serão os locais privilegiados para os confrontos do futuro, quer entre povos e nações destas regiões quer para a disputa de interesses dos poderes mais fortes.*
- 4 — *As guerras tenderão a ser limitadas nos seguintes aspectos:*
  - *Objectivos políticos;*
  - *Alvos escolhidos;*
  - *Zonas geográficas;*
  - *Armas utilizadas;*
  - *No tempo de duração;*
  - *E haverá maior controlo político sobre o desenvolvimento do conflito.*
- 5 — *Ocorrência de situações localizadas (Jugoslávia, Zaire, Somália, Haiti, Ruanda) com tendência para a violência ascender aos extre-*

*mos, mas onde os grandes poderes tenderão a não interferir militarmente ou terão dificuldades em o fazer.*

*Simultaneamente, e demonstrando a grande fraqueza das fronteiras da vulnerabilidade (dentro do próprio estado), ocorrem explosões sociais nos grandes centros urbanos (método a explorar por quem queira paralisar um país) — (Kinshasa, Caracas, Banguécoque, Los Angeles) que não incidem especialmente sobre um tipo de cultura, sistema político ou localização geográfica.*

- 6 — *Grande preocupação nos países desenvolvidos em evitar baixas civis e militares face ao peso da opinião pública.*

#### AMBIENTE DO CAMPO DE BATALHA

Como consequência da caracterização dada nos parágrafos anteriores podemos tentar visualizar o futuro ambiente do campo de batalha, que será sequencialmente a 7.<sup>a</sup> fase daquelas que apresentei no capítulo 1. b.:

- 1 — *Grande mobilidade estratégica, que permita a fácil projecção do poder.*
  - 2 — *Grande mobilidade táctica.*
  - 3 — *Constituição de unidades ligeiras, com menores efectivos, muito móveis e com grande poder de fogo.*
  - 4 — *Face à sofisticação dos meios, torna-se necessário dispor de exércitos (ou parte) profissionais.*
  - 5 — *Aumento da capacidade destrutiva das armas convencionais.*
  - 6 — *O combate não será prejudicado pela noite, pelas condições meteo e pela camuflagem (meios tecnológicos).*
  - 7 — *Importância dos meios anti (aéreo — carro — mobilidade).*
  - 8 — *Logística mais complexa, mas simultaneamente construção de equipamentos cuja manutenção seja mais simples.*
  - 9 — *Utilização de robots em vez do homem para missões especiais.*
  - 10 — *Batalhas curtas, para o que serão vitais informações militares muito precisas e rápidas, o que enfatiza a importância de tecnologias avançadas.*
- Eventual dificuldade em trabalhar a informação pelo excesso de elementos recebidos.*

- 11 — *Menor importância para o choque e maior para a manobra e o fogo.*
- 12 — *Grande importância da manobra ar-terra.*
- 13 — *As frentes do campo de batalha serão muito irregulares ou não existirão — como consequência ocorrerá uma importância acrescida dos meios C3 I (comando — controlo — comunicações — informação).*
- 14 — *Utilização do espaço para fins militares.*
- 15 — *Grande ênfase na guerra electrónica e na guerra psicológica, qualquer delas para paralisarem o opositor.*
- 16 — *Apesar da capacidade tecnológica, a decisão não será conseguida sem a acção das forças terrestres.*

3) A sétima fase da Batalha Terrestre (agora Aeroterrestre) terá de ser enquadrada nos seguintes termos e de acordo com diferentes cenários:

- a) Em primeiro lugar assumir que da variada panóplia de material de guerra, e dos conceitos do seu emprego, nada do que foi inventado desaparecerá do grande arquivo do conhecimento humano e que, em qualquer altura, poderá vir a ser utilizado; desejo referir-me às armas de destruição maciça.
- b) Em segundo lugar que os futuros conflitos bélicos serão diferentes conforme os opositores sejam Unidades Políticas Reconhecidas (vulgo Estados) ou os intervenientes sejam outros.

— No primeiro caso, e porque ser Estado obriga em si mesmo a responsabilidades inerentes, o conflito poderá ter as seguintes características:

- Não deverá ser marcado pela existência de guerras longas e generalizadas, mas de acordo com os interesses, poder e possibilidades das potências envolvidas ser do tipo definido ao longo do texto para as Guerras Limitadas.
- As armas NBQ serão sempre um elemento dissuasor e a utilizar como «último ratio». A utilização das Armas NBQ, como as suas consequências se podem voltar contra o próprio lançador, será sempre sujeita a extremo controlo e cautela.

— No caso de opositores *Não Estados* (basta que um não o seja) (Elementos Perturbadores; Grupos Políticos que pretendem pela luta armada a independência; Terrorismo Internacional) as hipóteses de acção são mais alargadas e mais imprevisíveis:

- Guerra de Guerrilhas, utilizando uma panóplia mais rica de meios;
- Hipótese de utilização de armas NBQ de pequena potência por um Elemento Perturbador ou mesmo por poderosas organizações não estatais de carácter transnacional.

— Há ainda, como terceira situação, a manutenção e permanência de explosões sociais e guerras fratricidas de longa duração e de comando duvidoso em determinados países do Terceiro Mundo e saídos de regimes ditatoriais. Nestes casos é de salientar que a lógica das guerras civis, religiosas e étnicas, nada tem a ver com a lógica e a *praxis* da guerra entre Estados.

É naquele tipo de guerras onde a violência ainda ascende aos extremos, tal como ocorreu na Guerra dos Trinta Anos, já que os factores religiosos e emocionais se voltaram a encontrar passados mais de 300 anos, adicionados agora a feridas históricas que nunca chegaram a sarar.

c) Em conclusão pode-se dizer que a guerra entre Estados ou Coligações de Estados estará sujeita a regras, a Guerra Subversiva manterá também a sua lógica de funcionamento, enriquecida por meios materiais mais potentes, contrariamente ao terceiro tipo onde a violência e a destruição tenderão a não estar controladas e subordinadas a uma finalidade política clara e objectiva.

Serão os casos mais graves de violência aqueles que defini como tendo a sua origem nos «Extremismos do Desespero», mas com os quais teremos de nos confrontar enquanto não forem atingidos equilíbrios de ordem política, económica e social entre as várias regiões e povos desta aldeia global em que vivemos.

E tudo parece indicar que relativamente ao terceiro tipo, enquanto

os equilíbrios não forem atingidos, as situações de violência tendem a aumentar, quer em quantidade quer na capacidade de destruição com que cada caso pode ocorrer.

Garcia Leandro

### BIBLIOGRAFIA

- AGUIRRE, M. E., MATTHEWS, R., *Guerras de Baja Intensidad*, Editorial Fundamentos, 1989.
- ALVES, General Lopes, *Fenómenos Subversivo e Contra-Subversivo — Aspectos Políticos e Estratégicos nos Primórdios de 92*, Lisboa, 1992.
- BEAUFRE, General, *Introduction à la Stratégie*, Librairie Armand Colin, Paris, 1963.
- BEAUFRE, General, *Stratégie de l'Action*, Librairie Armand Colin, Paris, 1966.
- BROWN Jr., Col. Arthur, *The Strategy of Limited War*, IAEM-DD 41611.
- COUTO, Coronel Abel Cabral, *Elementos de Estratégia*, I e II Volumes, IAEM, Lisboa, 1988.
- FULLER, J. F. C., *The Decisive Battles of the Western World*, Vol. II, Paladin, London, 1970.
- FULLER, J. F. C., *The Conduct of War*, London.
- GUEVARA, E. Che, *La Guerre de Guerrilla*, Cahiers Libres, n.º 31, Editora F. Maspero, Paris, 1962.
- HART, Liddell, *Thoughts on War*, Faber and Faber, LTD, London, 1944.
- JANOWITZ, Morris, *The Professional Soldier*, A Free Press Paperback, New York, 1971.
- JUNIOR, Arthur E. Brown, *The Strategy of Limited War, in Military Strategy*, Vol. III, August, 1973.
- KISSINGER, Henry, *Problems of National Strategy*.
- KISSINGER, Henry, *Nuclear Weapons and Foreign Policy*, W. W. Norton and Company, New York/London, 1969.
- KLARE and KORNBLUM, *Low Intensity Warfare*, New York, Pantheon Books, 1988.
- OLIVEIRA, Hermes de Araújo, *Guerra Revolucionária*, Academia Militar, Lisboa, 1960.
- NIXON, Richard, *A Verdadeira Guerra*, Portugalia Editora, Lisboa, 1980.
- OSGOOD, Robert, *Limited War*, 1976.
- SUN Tzu, *A Arte da Guerra*, Editora Futura, Lisboa, 1963.
- USA Department of the Army — *Low Intensity Conflict*, 20 de Janeiro de 1981 — *Wars Without Splendor*, Greenwood Press, New York, 1987.